A educação segundo Louis Lavelle - I

Jean-Louis VIEILLARD-BARON

[De *Qu'Est-ce que l'Éducation? Montaigne, Fichte et Lavelle*, Paris, Vrin, 1994, pp. 106-121. Tradução de Olavo de Carvalho para exclusivo uso em aula pelos alunos do Seminário de Filosofia. Proibida a difusão por quaisquer meios.]

A filosofia de Lavelle é inteira fundada na experiência da reflexão: tal como para Malebranche, a filosofia é desde logo um chamado da consciência a ela mesma, um despertar à intimidade espiritual. A reflexão primeira é a descoberta da existência como minha; minha existência me é dada e não tenho como parar de aprofundar esse mistério. Mas o que aí me é dado não tem nada a ver com uma coisa; minha existência me escapa se quero objetivá-la. O que me é dado, tenho de tomá-lo nas mãos, modelá-lo: tenho de fazer da minha existência uma essência. O erro de Narciso (...) é recusar a ação e a educação; Narciso crê que pode se contentar em contemplar sua essência, como um mistério de beleza insondável. Em vez de agir, ele se imobiliza na contemplação da sua própria imagem e, por isso mesmo, cessa de viver. A morte é a consequência inelutável do seu erro.

O ser como ato

Se o ser humano é educável, é porque ele não é uma substância e sim um ato. A educação é a descoberta de um ato que é eu. A primeira experiência que tenho da existência como minha é a experiência do movimento voluntário; quando movo o meu corpo, ainda que seja apenas o dedo mínimo, tomo consciência da minha iniciativa e da minha potência. Comentando a frase de Goethe, “No começo era a ação”, Lavelle escreve: “Todos os modos do ser são os modos de uma atividade que ora triunfa e ora sucumbe. Estou ali onde ajo. O ato é o primeiro motor pelo qual não cesso de criar a cada instante minha própria realidade”.¹

A educação como ato de atenção

A educação consiste, portanto, num ato de atenção pelo qual me destaco dos modos que determinam minha existência, para reencontrar o eu simples e nu que é a fonte do meu sentimento de viver. Na comunicação e no diálogo, coloco um ato de fé no eu de outrem, e estou

¹ *La Conscience de Soi*, 1993, p.93.

em condições de ajudá-lo a tomar consciência do seu próprio eu. Mas o eu não pode jamais ser conhecido senão por ele só; ser um eu é estar ontologicamente fechado em si mesmo, mesmo na abertura a outrem. “O eu é a descoberta de uma existência que não pode ser negada porque, no momento em que se afirma, ela se engendra a si mesma. Ela desfruta, assim, de uma prerrogativa evidente entre as outras formas da existência: ela possui um caráter indubitável; ela traz em si a marca do absoluto.”²

Isso não significa que esteja aí a primeira experiência que o homem faz; se fosse, ele não teria necessidade de educação. Na realidade, o ser humano não cessa de esquecer a existência do seu eu; ele se absorve continuamente na relação com outrem e com o mundo. O que é cronologicamente primeiro é a presença do eu no mundo. Desde então, a tomada de consciência do eu é uma experiência metafísica particular, que Lavelle considera uma *emoção* excepcionalmente viva. Ele retoma de Bergson a significação positiva da emoção, que não tem nada a ver com uma saída da consciência para fora dela mesma, mas que é, ao contrário, a ressonância afetiva de uma descoberta da nossa realidade profunda. Bergson insistiu, em *As Duas Fontes da Moral e da Religião*, na dimensão criadora da emoção profunda: “Uma emoção é um abalo afetivo da alma, mas uma coisa é uma agitação da superfície, outra coisa uma sublevação das profundezas (...). Criação significa, antes de tudo, emoção.”³

A atenção é um esforço de concentração sobre a interioridade do eu ao ser. Assim, “(...) tomando-se mais e mais interior a si mesmo, ele poderá esperar descobrir o mistério do seu próprio advento, a lei segundo a qual ele deve colaborar na ordem universal e tornar-se o obreiro do seu destino individual”. Dessa descoberta, toda educação séria é cúmplice. Aí está mesmo a missão educativa enquanto tal. Mas nem por isso a emoção metafísica é acessível a todos: “Isso não pode impedir os espíritos que têm mais profundidade metafísica do que ternura psicológica por eles mesmos *de atingir o ápice dessa emoção que todos sentimos no nosso encontro com o ser pela simples descoberta da sua presença* mais ainda do que pela consciência de participar dela.”⁴

A atenção é o despertar mesmo da consciência, anterior à divisão entre inteligência e vontade; ela não é a vista de um objeto e, neste sentido, ela é mais fundamental do que a intencionalidade da consciência; ela é disponibilidade a si mesmo e a tudo o que é; Lavelle designa-a como “uma abertura da consciência para com a totalidade do dado” e, enquanto vigilância à totalidade do real, ela é mesmo “o ato supremo da liberdade”, pois dispomos dela plenamente como de um movimento inaugural da consciência antes que ela se determine em tarefas particulares. Sendo sem conteúdo, “só ela merece o nome de transcendental, se

² *De l'Intimité Spirituelle*, Paris, Aubier, 1955, p. 68.

³ *Oeuvres*, edição do centenário, pp. 1011-1013.

⁴ *La Présence Totale*, 1934, p. 37. Sublinhado nosso.

podéssemos destacar sua virtualidade pura, considerada no ato livre que dela dispõe, das formas psicológicas que ela assume na consciência de cada indivíduo”.⁵

Solidão e comunicação

Mas Lavelle é um Fichte que tivesse lido Montaigne; como Fichte, ele pensa que a reflexão filosófica pode tudo tirar dela mesma, salvo a existência, que é dada; mas, ainda como Fichte, ele pensa que o dado não está lá senão para ser transformado. No entanto, o sujeito transcendental não permite desde logo o discernimento da vocação e do gênio próprio a cada um. Ao idealismo de princípio convém associar intimamente uma pedagogia diversificada. Ao passo que Fichte não se interessa senão pela educação da humanidade, Lavelle busca como fazer progredir a humanidade em cada homem. Daí a importância da dialética entre a solidão ontológica do eu e o comércio das consciências; daí, ainda, a compreensão da liberdade como necessidade interior.

A solidão é a provação necessária da liberdade; uma educação puramente social aniquilará seguramente e irremediavelmente o gênio próprio de cada um. Com efeito, a solidão é uma via para descobrir a sinceridade, pois a exata apreensão de si mesmo coloca o homem em face de Deus. “Nossa autoconsciência é a consciência que Deus tem de nós”, escreve Lavelle, recordando a fórmula de Angelus Silesius, de que *o olho pelo qual vejo Deus é o mesmo olho pelo qual Ele me vê*.⁶

A solidão é sempre conquistada contra a sociedade; o estado natural da consciência é a sociedade, a relação com outrem, ou ainda, aquilo que Lavelle chama em termos clássicos “o comércio das consciências”. E a experiência da solidão é necessária ao homem para que ele descubra o centro de si mesmo e possa, a partir daí, transformar o mundo na parte que lhe é oferecida e colocar-se à altura do seu destino. “O valor de um homem mede-se pela potência de solidão que subsiste nele, mesmo no meio da sociedade, e pelo ardor interior que a nutre. Toda a nossa força, toda a nossa alegria nascem da solidão, toda a nossa riqueza também, já que nada é nosso senão aquilo que ainda nos resta quando estamos sozinhos.”⁷ A solidão não contradiz a comunidade dos homens senão para melhor compreendê-la: pois, se a solidão é a condição para discernirmos nossa própria vocação, ela nos permite, no mesmo ato, “reconhecer a inimitável singularidade de toda existência individual (...). É essa singularidade de cada ser que exprime a parte de absoluto da qual ele é, por assim dizer, portador, e que faz com que o mundo inteiro esteja interessado no seu destino, por miserável que ele pareça.

A descoberta do gênio próprio a cada um

⁵ *Manuel de Méthodologie Dialectique*, Paris, Puf, 1962, pp. 154-155.

⁶ *La Conscience de Soi*, pp. 161-162.

⁷ *Ibidem*, p. 170.

A natureza dá ao indivíduo um caráter particular; não se pode dizer que se trate já de uma personalidade. Pois a personalidade livre não é o fruto imediato e automático da natureza. Bergson dizia que nem todo homem é um criador de gênio, mas que é chamado a criar-se a si mesmo; é o que Lavelle chama o gênio próprio a cada um. Ora, a vontade está sempre em conflito com o caráter, quer se lhe submeta ou o subjugué. A natureza individual de cada um não é nada senão pelo valor que ela pode assumir e comunicar. É nesse sentido que não pode haver vocação senão espiritual. Mas a dificuldade de discernir nossa própria vocação vem de múltiplos obstáculos que surgem espontaneamente: não se deve aqui falar somente do amor próprio, que nos faz ter ciúmes de outrem e ambicionar mais alto do que somos capazes de atingir. Mas deve-se pensar que a vocação é a coisa mais próxima e a mais simples, a mais presente a nós mesmos e, em conseqüência, a mais difícil de apreender, por causa dos nossos fantasmas, das nossas preocupações e do extremo despojamento que a simplicidade supõe. Ela é “o sentimento de um acordo entre o que temos a fazer e os dons que recebemos”.⁸

O discernimento da vocação, que é o objetivo da educação, tanto para Lavelle quanto para Montaigne, não é idêntico ao conhecimento de si. Montaigne mostrava que o conhecimento de si é impossível em razão da variabilidade mesma do eu. Para Lavelle, a lei individual e a fidelidade a si mesmo são mais profundas do que a variabilidade dos humores; neste sentido, ele é menos pragmático do que Montaigne, e pode ser considerado como um filósofo da eternidade. Mas ele não concebe de maneira alguma a vocação pessoal como uma essência eterna que estivesse fixada desde toda a eternidade e solidificada como uma coisa. O eu é um ser em devir: é sua essência mesma o não poder fixar-se sem se tornar uma coisa, o permanecer sempre ele próprio uma espera, uma promessa e uma esperança.”⁹ Eis por que não poderia haver conhecimento de si; seria uma objetivação contraditória e assassina.

[*Continua.*]

⁸ Ibidem, p. 129.

⁹ De l'intimite spirituale, p. 92.